



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANA PAULA CERQUEIRA NEVES**

**(entrevista)**

**Senhor do Bonfim, BA**

**2019**

**LECCORPO-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID – UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Número da entrevista:** E-910

**Nome do/a entrevistado/a:** Ana Paula Cerqueira Neves (Paulinha).

**Local da entrevista:** Senhor do Bonfim (BA).

**Entrevistador/a:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Data da entrevista:** 29/01/2019.

**Transcrição:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Copidesque:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Pesquisa de termos:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Revisão:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 59 minutos e 34 segundos.

**Páginas Digitadas:** 25.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: NEVES, Ana Paula Cerqueira. Entrevista concedida por Ana Neves ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, SENHOR DO BONFIM (BA), 29 jan. 2019, 25p.

## SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Bahiana e Confederação); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Senhor do Bonfim (BA), 29 de janeiro de 2019. Entrevista com Ana Paula Cerqueira Neves (A.N.) a cargo da pesquisadora Maria das Dores Pinto Sant’Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal (LECCORPO) da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Boa noite! Meu nome é Maria das Dores Sant’Ana. Sou aluna do Curso de Pós–Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco e estou aqui para entrevistar a árbitra Ana Paula que será colaboradora no desenvolvimento de minha dissertação cuja temática é “As mulheres no futsal do nordeste brasileiro a partir da trajetória de vida das árbitras confederadas”.

M.L. – Boa noite, Ana Paula.

A.N. – Boa noite, Maria.

M.L. – Qual sua data de nascimento?

A.N. – 21 de novembro de 1980.

M.L. – Onde você nasceu?

A.N. – Salvador, Bahia.

M.L. – Qual sua escolaridade?

A.N. – Superior em Ciências Contábeis (Bacharel).

M.L. – Gostaria que você me contasse como foi sua infância e a relação com o esporte.

A.N. – Maria, minha infância foi sempre bem vivida. Sempre fui uma pessoa que gostei de múltiplas atividades e minha relação com o esporte sempre foi tranquila. Sempre, na escola, uma coisa que sempre me atraía eram as atividades extras, inclusive as atividades esportivas.

M.L. – Quando você se envolveu com o esporte?

A.N. – É... esse envolvimento com o esporte partiu desde a minha vida escolar, né? Tinha oficinas no turno oposto, na escola, então eu gostava muito de participar das atividades na escola; então esse foi o pontapé inicial para que eu participasse de muitas atividades na escola e pudesse entrar na vida esportiva. Foi assim que eu acabei me inserindo com mais responsabilidade em modalidades esportivas específicas.

M.L. – E diante dessa situação toda, como é que sua família se portava vendo seu envolvimento com o esporte?

A.N. – Enquanto no momento escolar, via como qualidade de vida. Gostava porque eu tava ativa, participava das atividades na escola; então isso ajudava muito no meu crescimento, é... [silêncio] Mas em alguns momentos eu tive também dificuldade porque quando partiu para a adolescência, às vezes, minha mãe me proibia de eu sair no turno oposto pra ir participar de esporte na escola por causa de deixar de fazer as atividades em casa, as rotinas que tinham da casa para poder participar de esporte; então ela meio que queria, proibir, né? Porque como a escola tinha atividade esportiva durante toda semana, então durante a semana pela tarde eu queria ir para a escola. Eu estudava pela manhã e pela tarde... Essa inserção começou no ensino fundamental, a partir do quinto ano. Então desde o quinto ano até o terceiro ano eu sempre me envolvi muito no esporte, mas quando era primário não muito, porque o esporte que a escola oferecia era apenas dança, então eu não me familiarizava muito com a dança. Não era pela questão da expressão corporal, mas ela... Não me sentia muito a vontade em fazer até porque é... a vestimenta tinha que ser a que a escola indicava. A gente não poderia tirar a meia, não poderia tirar nada. Tinha que ser o padrão que a escola determinava. Quando partiu pro ensino fundamental, o esporte coletivo propiciava ir cada dia de uma forma, então fazia cada modalidade. Então modalidade específica você usava equipamento específico, roupas assim, roupas assado; então não era uma coisa muito, é... tradicional. Não sei se eu consegui responder direito.

M.L. – E quando você se envolveu nesses vários tipos de esporte houve algum que te trouxesse mais prazer, que fosse mais atrativo?

A.N. – Assim é... A modalidade coletiva, ela sempre me foi muito atrativa, porque eu sempre gostei de conviver muito em grupo, sempre gostei de ter relação bastante em grupo, mas a que mais me chamou atenção foi o voleibol, que apesar de eu ser baixinha prática da modalidade convencional, eu acabei sendo convidada pela professora para ser tipo uma monitora na escola para ajudar a convidar outros alunos a participar do voleibol. Aí a partir disso, foi que eu comecei a recrutar os alunos, participar de grêmios para movimentar a escola e a escola ter grupos específicos de todas as modalidades para que pudesse sair da escola e ir visitar outro espaço acadêmico em competições que o estado promovia naquela época. Entre 1994 a 2000 tinha muita atividade esportiva extra escola, então isso fazia com que os alunos pudessem sair da escola, conhecer outros ambientes. Então através do esporte a gente tinha esse incentivo, né? O esporte fazia com que a gente pudesse sair do nosso ambiente escolar do dia a dia e ir poder visitar outras instituições e conhecer outras pessoas.

M.L. – Você me relata agora que o que mais te chamou atenção foi o voleibol e nesse contexto, como é que entra o futsal e ele começa a fazer parte de sua vida enquanto prática esportiva?

A.N. – É porque assim... O voleibol, ele foi à modalidade que foi primeiro inserida naquela oficina dentro da escola. Então ele foi à porta de entrada. A partir dele, que aí começou a inserção assim mais profunda no esporte. Aí depois do voleibol, se não me falhe a memória, porque tem um pouquinho de tempo, a professora, ela saiu de licença por uma questão de saúde e aí o handebol também teve a sua parcela bem influente porque, por eu na época, ser bem magra, ser bem ágil, então eu consegui até um teste numa determinada escola particular com a possibilidade de estudar numa escola de nome na capital de Salvador, e aí e ter possibilidade de até participar de uma seleção baiana porque eu tinha perfil físico, idade, eu tinha qualificação técnica, mas isso aí minha família bloqueou, não permitiu. Aí paralelo a isso, eu aí fui participar também da oficina de futsal. Aí como eu também me identifiquei, eu acabei e fiquei no futsal. Aí eu desisti do handebol. Fiquei triste porque eu não pude participar da seleção e aí eu desisti do handebol, então fui pro futsal. Foi assim que eu... Na verdade eu peguei o futsal como, como se fosse um, um...

M.L. – Um prêmio?

A.N. – Não, eu não diria um prêmio, mas diria assim um, um... É... Como é que se fala? Um... Como é que eu posso dizer? Como se fosse um... [silêncio]. Um acalento, né? Porque eu não consegui. Eu não poderia ir participar da seleção, porque para eu participar da seleção de handebol, eu precisava treinar a tarde e a noite. Os treinos eram à noite. Então Salvador como tudo era distante e eu era menor de idade, na época, não tinha quem me acompanhasse. Não era bem uma proibição, era mais o cuidado por eu ser mulher. Minha mãe não tinha como me transportar de Ondina até uma periferia que eu morava. Então o deslocamento era muito tortuoso, muito cheio de idas e vindas, tinha que pegar não sei quantos transportes. Então ela disse que era melhor não ir, que ela não ia ter condições de poder me acompanhar, por questão de trabalho, então que era melhor que nem me metesse nisso porque eu não ia conseguir ir até o fim.

M.L. – Você acompanhava o futsal ou algum outro tipo de esporte em ginásios, jornais, TV? Havia esse acompanhamento frequente?

A.N. – Futsal não. Futebol sim.

M.L. – Acompanhava quais jogos?

A.N. – Futebol. Geralmente os campeonatos estaduais e os nacionais. Nessa época não tinha muita estrutura para ter TV fechada. Não me recordo de ter acompanhado assim... Não tinha essa febre hoje do que a gente acompanhar o futebol internacional, então não me recordo, mas mais o campeonato estadual e o nacional de futebol era...

M.L. – Nessas suas vivências esportivas, tornou-se atleta?

A.N. – Não compreendi a pergunta.

M.L. – Nessa sua prática é... Dessas práticas esportivas na escola, fora da escola, em forma de oficina, você se tornou atleta?

A.N. – Me tornei. Me tornei. É... Na verdade durante a minha trajetória na escola... Cê tá falando em relação ao futsal, né isso?

M.L. – Atleta...

A.N. – Atleta? Ou na modalidade? Na modalidade eu já expliquei até na pergunta anterior. Falei sobre a questão do handebol. Cheguei a ser atleta de handebol, mas mudando para o futsal, eu fui e representei a escola em competições escolares, durante o ensino de formação, e também posteriormente no ensino superior. Paralelo a escola eu já fazia parte de clubes – mesmo de nomes não conceituados, mas de escolinhas. Não digo clube, mas lá tinha muita escolinha aí eu participava de escolinha externa a escola.

M.L. – Chegou a jogar por algum time específico?

A.N. – Cheguei. Cheguei a jogar por uma agremiação chamada Esporte Ataque Futsal Feminino. É, representei também o Esporte Clube dos Bancários, fui convidada a fazer um teste no São Francisco do Conde, que hoje até é hepta campeão baiano no futebol, mas não fui porque não me identificava muito com o futebol, aí eu não fui. Tive essa oportunidade... Então depois disso, eu tive oportunidade de me inserir no ensino superior através de uma bolsa, com possibilidade de uma bolsa, Formação Atleta, na Faculdade Social da Bahia, que era Instituto ISBA<sup>12</sup> e hoje é Faculdade Social da Bahia. A partir daí joguei, disputei quatro campeonatos por essa faculdade, sendo um deles nacional e ficando como terceira melhor equipe de futsal feminino do Nordeste e do Brasil também. É, esse campeonato, ele é dividido por divisões: primeira, segunda e terceira, e nessa colocação a gente conseguiu colocar a Bahia no local mais alto que era a segunda divisão. Infelizmente não foi a divisão especial, porque no ano seguinte eu tranquei a faculdade. Acabei saindo.

M.L. – Sempre como atleta de futsal?

A.N. – Sempre como atleta de futsal. Essa trajetória...

M.L. – Lembra de algum treinador que tenha te marcado nessa trajetória?

---

<sup>1</sup> Instituto Social da Bahia.

A.N. – É, na verdade eu tive dois treinadores e uma treinadora, falando especificamente com competitividade. Na escolar, o próprio professor de Educação Física que acompanhava, mas minha primeira treinadora foi Linda [riso]. Era uma pessoa que eu não me lembro se ela tinha formação específica na área. Ela era atleta de futebol e a gente treinava no espaço da Leste, uma empresa de Ferrovia, e a gente treinava nesse espaço. Paralelo a isso eu descobri o Esporte Ataque através de um anúncio de jornal, num anúncio de emprego, aí eu fui fazer esse teste no Esporte Ataque que é... Do Esporte Ataque ele passou a ser o... Se filiou ao [silêncio] Clube dos Bancários.

M.L. – E como a sua família reagiu a essa sua vida como atleta de futsal?

A.N. – Com muito repúdio! Não queria! A família é... Na verdade eu tinha que sair escondido. Os treinos aconteciam dia de sábado e domingo. Às vezes eu dizia que ia fazer trabalho na casa de algum colega pra poder conseguir ir pros treinos, porque o treino era horário bem complicado né, por ser pela... Os Bancários, ele tinha seleção masculina e feminina. Então a seleção feminina, ela ficava sempre com o horário... É, um horário bem complicado porque além dele ter categoria de base... A categoria de base treinava um pouquinho mais cedo. Então o horário do feminino geralmente era de dez ou onze a duas horas ou de dez à uma hora; então por esse horário quase ninguém queria, porque era questão de horário de almoço, então dava pra poder eu... É, desviar, né, a questão de caminho, essas coisas. Então falava do transporte que demorou e aí conseguia ir pro treino. Às vezes saía mais cedo, mas mesmo assim eu conseguia participar do treino ativamente. Sempre fui uma atleta muito disciplinada em relação a treinamento.

M.L. – Conseguiu fazer amigos ou amigas dentro desse ambiente esportivo?

A.N. – Sim.

M.L. – Alguém que tenha sido marcante enquanto amiga ou amigo?

A.N. – Sim, Nadjara. Ela foi minha colega de escola em 2000. 1999, 2000 e 2001 no ensino médio. Ela estudou comigo no Duque de Caxias. Nós fomos atletas representando a escola e a partir daí, até hoje, ela é minha amiga, inclusive árbitra da modalidade.

M.L. – Quando e por que você começou a arbitrar?

A.N. – É, na verdade, aconteceu um fato que me chamou muito atenção. Foi quando teve a primeira oportunidade que eu pude participar do Campeonato Baiano de Futsal, que naquela época, era um sonho prá toda praticante da modalidade do futsal feminino, participar dum campeonato do volume estadual e que dava possibilidade a ir prá uma competição fora do estado. Então, os jogos, né, eram arbitrados na maioria das suas vezes por homem. Até hoje eu não me recordo... Na época que eu joguei eu só tive duas árbitras que atuaram em minhas partidas que foi Ana Meire<sup>3</sup> e Rosana Vigas. Eu não me lembro mais de outra árbitra, não me recordo. No campo havia mais, mas no futsal não. É... então também joguei futebol sete, que geralmente tinha essa mescla de campeonato de futebol sete e fazia parte também pra completar o futsal, para complementar o treinamento e eu não me recordo. Então essa questão do gerenciamento da partida por árbitros gerava algumas insatisfações porque, às vezes, a gente via comentário machista do árbitro quando a gente reclamava alguma coisa. Em alguns momentos alguns árbitros tratavam a gente com indiferença porque ele era homem e achava que a mulher não deveria tá ali para jogar. Não dizia isso de uma forma direta, pelo menos comigo nunca aconteceu, mas indiretamente a gente sofria preconceito, principalmente quando a gente tinha dias de tabela de competição que a rodada era dupla. Às vezes tinha primeiro o jogo da categoria juvenil masculina e depois vinha o feminino e depois o adulto ou vice-versa. Quando o feminino jogava primeiro, a gente sofria pressão pra sair logo da quadra. Quando a mulher demorava muito de entrar na quadra, eles ficavam pressionando; às vezes vinham para o banheiro pressionar. Quando terminava o jogo a equipe... as equipes posteriores da partida queria tirar a gente do vestiário de qualquer forma, porque achava que a gente tava demorando demais, que dava muito espaço prá gente. Então a partir disso aí deixou... É, seria uma maneira de contribuir pro esporte, para que a gente pudesse ter um tratamento melhor, igualitário a todos os outros atletas, porque independente de ser homem e ser mulher, o esporte tava ali para ser jogado.

M.L. – Quem te apoiou nessa decisão?

---

<sup>3</sup> Ana Meire Viana dos Santos.

A.N. – Quem me apoiou nessa decisão foi minha segunda treinadora. Foi Cláudia Lisboa que foi minha treinadora no Esporte Ataque e também na Seleção dos Bancários.

M.L. – E como sua família reagiu a essa sua decisão de adentrar no campo da arbitragem?

A.N. – Ela [silêncio] achou melhor a possibilidade de entrar no campo de arbitragem porque via pelo menos que ia ser remunerada por isso, já que eu me disponibilizava tanto em treinar, em fazer várias coisas pelo esporte e não ganhava nada; pelo contrário, sentia que eu tinha prejuízo, que eu tinha que fazer investimento e não tinha muito retorno disso. Os retornos que a gente tinha era chegar em casa com pé quebrado, né? Machucada! Ficava dias sem poder colocar o pé no chão, algum tombo que tomava no jogo; então era essa a reclamação da família.

M.L. – Você se recorda de como era o cenário do futsal nessa época que você começou a arbitrar?

A.N. – O cenário era bem difícil, né? Porque... como o esporte [silêncio] ele é bem praticado por homens, né, até hoje, então a gente na verdade tinha que se comportar é [silêncio]. Tipo assim, na direção deles, entendeu? Era muito difícil porque para trocar de roupa não tinha o espaço adequado, então às vezes a gente tinha que utilizar o mesmo banheiro do atleta; aí à equipe de arbitragem era formada por homem e mulher, então a mulher tinha que trocar de roupa junto com o árbitro. Então era muito difícil e quando a gente ia fazer o gerenciamento da partida... Na maioria das vezes, eu atuava mais em partida masculina; então foi bem difícil.

M.L. – Existiam muitos campeonatos regionais, estaduais ou nacionais?

A.N. – Não muitos, mas existia. Existia é... mais campeonato assim, amador, com regulamento um pouco adverso, mas tinha os campeonatos de calendário específico, que era campeonato estadual. O nacional tem pouco tempo que eu passei a ser árbitra nacional, então não tinha esse acompanhamento direcionado.

M.L. – O que a motivou a fazer o curso de arbitragem de futsal?

A.N. – O que motivou a fazer o curso era que geralmente nos treinamentos que a gente tinha, tinha parte de uma atividade técnica, né, ração, tinha o coletivo também que era atividade técnica como falei antes. Então, às vezes, a treinadora tinha dificuldade de colocar uma pessoa que tivesse pulso e que tivesse um bom relacionamento para que pudesse dirigir o coletivo junto com ela, porque, às vezes, ou ela orientava ou ela apitava, porque geralmente nessa hora sempre tinha uma competitividade. Todo mundo querendo disputar posição, então, às vezes, eu cedia o espaço; jogava um tempo e o outro tempo eu gostava de apitar por hobby e aí, às vezes, eu apitava o coletivo do pessoal que treinava no masculino, posterior a gente, ou anterior, que era as categorias de base e aí eu fui pegando gosto pela coisa e foi fluído.

M.L. – E como esse curso foi para você?

A.N. – Na verdade eu tive uma pequena dificuldade em entrar logo no curso porque quando eu entrei em contato com um dos gestores da Federação Baiana de Futsal, na época, ele me passou uma perspectiva de uma data e esse curso não aconteceu nessa data e depois o curso teve outro cronograma. Eu deixei todos os meus dados, me dirigi a Federação, preenchi todo o protocolo que eles pediam pra convidar a gente para participar do curso, o que não aconteceu. Ele não convidou e aí só posteriormente eu soube, através do Sindicato dos Bancários, que esse curso ia acontecer numa outra época, com outra gestão, aí foi que consegui entrar, fazer o curso e ter aprovação e hoje eu ser árbitra.

M.L. – Você lembra quando esse curso foi realizado e onde?

A.N. – O curso, ele foi realizado num colégio em Salvador, se não me falhe a memória, foi o Colégio Teixeira de Freitas, no centro de Salvador. Nós fizemos uma parte teórica lá e a parte prática foi realizada no Clube dos Oficiais da Polícia Militar, já na Cidade Baixa – se não me falhe a memória. Acho que foi isso. Ou foi em outro lugar.

M.L. – Lembra quando foi que esse curso foi realizado?

A.N. – O curso foi realizado em 2011, parece. 2010, 2011. É porque nessa época prá gente conseguir pegar o distintivo de árbitro, a gente passava por um estágio. Então dentro desse período da formação até o estágio, eu peguei o escudo, o escudo em 2011. Então essa trajetória ficou meio 2010, 2011. Eu não sei dá agora a data precisa. Posso depois olhar nos arquivos e te passar.

M.L. – Antes de você fazer esse curso, você já arbitrava?

A.N. – Como eu te disse, eu já fazia algumas... Não digo que arbitrar, mas já fazia algumas intervenções em coletivos na escola, no clube que eu jogava, ajudando as categorias de base ou as categorias adultas quando o pessoal pedia para dar um apoio nos coletivos, que era onde eu apitava, mas em jogos de disputa, não.

M.L. – E essa experiência pré-curso de arbitragem era interessante, era agradável, te motivava, era prazeroso?

A.N. – Era, era.

M.L. – Você lembra, nessa sua história de arbitragem, quando foi e como foi seu primeiro jogo como árbitra?

A.N. – É [silêncio]. Foi como eu lhe disse. A fase da formação de arbitragem, ela teve os jogos que, depois da gente ter alcançado o rendimento no curso, a gente passava por uma fase até pegar o distintivo; então eu me lembro do jogo que eu tive antes de pegar o distintivo da Federação que foi um Campeonato de Empresas que eu apitei na faculdade, Faculdade Social. Foi até lá o primeiro jogo [silêncio] e o meu jogo, o primeiro jogo mesmo com o distintivo da Federação, foi um jogo que eu apitei no campeonato Sub 13, categoria Sub 13, no ginásio em São Francisco do Conde. Esse foi o jogo que eu me lembro.

M.L. – Masculino ou feminino?

A.N. – Masculino.

M.L. – E o que você relatou que apitou antes de receber o escudo?

A.N. – Masculino adulto.

M.L. – Sempre jogos... Então suas primeiras experiências oficiais foram com jogos masculinos?

A.N. – Sim.

M.L. – E quando você foi convidada pela primeira vez a participar de uma competição como árbitra confederada, como foi essa experiência?

A.N. – É... A experiência foi que eu recebi um contato da Federação do estado do qual eu sou filiada. Ele entrou em contato comigo e perguntou se eu tinha disponibilidade. Eu disse que tinha disponibilidade e aí ele me direcionou a Confederação de Futsal. Eu fui direcionada para a competição. Cheguei três dias antes da competição e quando chegou lá, eu fui fazer o reconhecimento do espaço, saber como seria a competição, fui conhecer o Diretor de Arbitragem nacional, e... É uma pessoa bem importante pro futsal, principalmente pras árbitras, porque Paraguassu<sup>4</sup> é uma pessoa que trata a arbitragem feminina de uma forma diferenciada e eu digo isso porque o meu Diretor de Arbitragem do estado, ele tem um gerenciamento, mas não tem o direcionamento tão lapidado quanto Paraguassu. Então foi uma vivência boa, né? Difícil porque saiu da região Nordeste e foi para a região Sul, lá o tratamento é bem complicado, é bem diferenciado, mas foi uma experiência muito boa.

M.L. – Qual foi à cidade?

A.N. – A cidade foi Curitiba, Paraná.

M.L. – E a competição?

A.N. – A competição foi Jogos Escolares da Juventude, categoria de 12 a 14 anos.

M.L. – Dentro dessa competição, quais foram os principais jogos que você arbitrou?

A.N. – Apitei jogos femininos. Jogo masculino só foi um.

M.L. – Você percebeu alguma diferença nessa condução do jogo dentro dessa competição?

A.N. – Percebi. É, teve duas ações, três ações na verdade, marcantes no mesmo jogo, que foi o jogo masculino. Esse jogo valia uma classificação. Eu apitei com um colega, o Anderson<sup>5</sup>, também da região Nordeste. O jogo tava sendo filmado pela torcida da equipe do Curitiba e tiveram três intervenções: duas de atleta e uma da torcida. A primeira intervenção foi um lance simples de lateral. O atleta veio questionar porque colocaram árbitra e o segundo foi quando foi marcado um tiro livre, uma falta, tiro livre direto, contra uma equipe, agora que não me lembro o nome, de que estado era, mas o goleiro, que era capitão da equipe, se dirigiu de forma acintosa em relação a minha pessoa; até porque as reações nas marcações, o meu colega do lado era uma e quando eu marcava era outra. Então isso acabou até gerando uma punição pro atleta que foi até dada pelo meu colega porque quando ele veio pra fazer o questionamento, eu tava de costa, fazendo a delimitação do espaço, preparando tudo para a cobrança. Ele saiu da área dele de gol, a falta era a favor dele, e mesmo assim ele veio reclamar, e aí, meu colega, antes que ele interferisse na cena, já aplicou o cartão amarelo nele. Essa foi umas das cenas que mais se destacou na partida. O resto dos outros jogos foram tranquilos.

M.L. – Então esse tratamento diferente com relação a você, por ser árbitra, foi apenas no jogo masculino?

A.N. – Foi no jogo masculino. E eu me esqueci de falar sobre, citar sobre a torcida, mas... Quando também terminou o jogo, a torcida também pegou bastante no meu pé. Reclamou porque colocaram mulher no jogo de homem, que não precisava disso, que se não tinha outros árbitros. A gente não influenciou no placar. Não teve nenhuma influência direta da

---

<sup>4</sup> Paraguassu Fisher Figueiredo.

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

arbitragem, depois a gente analisando a partida; mas teve alguns comentários e esses comentários foram destacados por uma mãe de um atleta.

M.L. – De uma mãe?

A.N. – De uma *mãe* de um atleta. A mãe de um atleta. O pai verbalizou bastante, mas a mãe foi quem se levantou e reclamou bastante.

M.L. – Qual a categoria mesmo que você citou da competição?

A.N. – A categoria? A categoria é de doze a quatorze anos.

M.L. – Ok. E ao longo desse tempo seu de arbitragem, você já teve alguma lesão que te impediu de arbitrar ou que te fez parar por algum tempo?

A.N. – É... de arbitragem não foi lesão. Eu passei por um processo cirúrgico e aí eu fiquei impedida de apitar por um tempo. Aí no meu retorno às atividades de arbitragem eu solicitava sempre ao meu diretor que me colocasse na mesa até que eu pudesse ter confiança em voltar a apitar na quadra, porque como a cirurgia foi na face, eu tinha medo de ter... me expor a pancada da bola e também tinha dificuldade de fazer a ação de soprar o apito, aí eu tinha um pouco de dificuldade. Ainda tava no processo de recuperação, então eu tinha esse cuidado. Só depois que eu tive segurança e me recuperei totalmente, aí eu voltei prá quadra.

M.L. – Você lembraria o período preciso dessa sua parada em função dessa cirurgia?

A.N. – Uns dois meses.

M.L. – Quando?

A.N. – [respira fundo] Foi em 2014, hum, nossa! Julho! Se não me engano, foi de julho a setembro. Mas dentro desse período eu fui... O pessoal entrou em contato comigo várias vezes, mesmo com a impossibilidade de eu ir para a quadra, que eu fosse pra mesa, porque

diante da demanda de competição estavam precisando de pessoa que pudesse ajudar, mesmo que fosse na mesa para liberar outros árbitros para atuarem. Tava com dificuldade, redução de quadro e aí pediu que eu voltasse. Alguns jogos eu voltei assim mesmo.

M.L. – Você já teve algum outro problema que atrapalhou seu desempenho dentro da arbitragem ou seu trabalho de arbitragem?

A.N. – Já! No meu casamento antigo eu tinha muito é... tinha dificuldade de relacionamento em casa porque, às vezes, diante da distância, complexidade de alguns jogos, eu saía para apitar pela manhã, às vezes, tinha duas competições para gerenciar no mesmo dia e aí chegava em casa tarde. Então isso me gerava muito problema pessoal por causa da arbitragem.

M.L. – Além da arbitragem, você tem algum outro envolvimento com o esporte?

A.N. – Não!

M.L. – Tem outro trabalho?

A.N. – Tenho.

M.L. – Poderia dizer qual é?

A.N. – Hoje eu atuo como secretária de gabinete numa secretaria do município e sou tutora a distância de uma faculdade de ensino superior, na cidade em que eu resido.

M.L. – Qual seria o curso?

A.N. – Curso de Educação Física, Bacharelado em Educação Física, duas turmas.

M.L. – Como é sua rotina ou organização para arbitrar e realizar suas outras funções? Você consegue conciliar? Há algum problema?

A.N. – Consigo conciliar porque geralmente as competições são em turno oposto ou final de semana, e quando existe alguma convocação nacional que pode coincidir com a rotina de trabalho, eu não estar de férias... Atualmente eu tenho um bom relacionamento no trabalho, então eu consigo dispensa e consigo conciliar as duas atividades: uma não interfere na outra não.

M.L. – As competições nacionais duram em média quanto tempo?

A.N. – Convocação, contando deslocamento, com ida e vinda e a competição, geralmente doze dias. Pelo menos na minha primeira convocação e única até agora, doze dias. Deu mais ou menos doze dias.

M.L. – Você faz algum treinamento físico para exercer sua função enquanto árbitra?

A.N. – Sim.

M.L. – Seu treinamento como árbitra e como atleta, em outros tempos, é diferente?

A.N. – É, porque o treinamento enquanto atleta era um treinamento específico. Hoje como árbitra procuro me... Tá na ativa, ativa fisicamente e não ter um treinamento específico, fazer um treinamento específico focado na arbitragem, até porque arbitragem não é minha profissão. Atualmente ela é uma função.

M.L. – Você faz cursos de atualização?

A.N. – Sim.

M.L. – Qual a periodicidade?

A.N. – A periodicidade é determinada pela Federação a qual sou filiada. Quando a Federação determina a atualização chave, aí eu faço a atualização; senão eu faço alguns cursos paralelos de atualização, de formação complementar.

M.L. – E a Federação faz atualização, geralmente, de quanto em quanto tempo?

A.N. – Anualmente.

M.L. – A sua forma de arbitrar uma partida de futsal mudou ao longo dos anos?

A.N. – Não.

M.L. – Em nada?

A.N. – Assim... Eu sempre fui uma pessoa que pra poder... Diante dessa, da trajetória minha dentro do esporte até chegar à arbitragem, e essa questão de... principalmente... do contato com diferenciação de gênero, então a gente acaba tendo que, às vezes, colocar uma máscara, né, e se fazer um estereótipo diferente; então é... Não mudou em relação a essa máscara, mas em relação à atitude. A gente vai sempre amadurecendo em relação à vivência... Então acredito que se for no perfil físico, não; mas no intelectual, sim.

M.L. – Alguma regra ou forma de organização das árbitras ou da Federação, em relação à arbitragem feminina, mudou durante o tempo que você faz parte do quadro? Existem normativas, existem procedimentos que foram sendo modificados ao longo desse tempo?

A.N. – Hummm... Cê tá falando em relação à prática, à mulher?

M.L. – A arbitragem.

A.N. – Em relação à arbitragem pra homem ou pra mulher, ou a arbitragem em si?

M.L. – A arbitragem em si.

A.N. – Se mudou?

M.L. – Sim.

A.N. – Mudou. Algumas coisas sempre mudam, né? Antigamente as árbitras, tanto homem quanto mulher, apitavam de calça. Eu não cheguei a pegar essa época, mas quando fui atleta percebia isso, né? Os homens, há um tempo atrás, também apitavam de short e a mulher também apitava de short. Hoje a mulher tem deliberação, em alguns momentos, prá apitar de short–saia e o homem de short. Em relação à vestimenta, né? Em relação à formação dentro de quadra, só quando a regra pactua. Tinha a questão da bandeira que não é da minha época e hoje não utiliza–se mais a bandeira.

M.L. – E você percebeu que essas modificações que aconteceram com relação a essa organização, a essa normatização da arbitragem, foram melhores?

A.N. – Foram melhores sim. Deram celeridade e volume as partidas, porque através do que o esporte, ele vai se reformulando, a arbitragem também tem que acompanhar esse processo, então deu dinâmica ao jogo. A arbitragem hoje evolui de acordo com as partidas e com a sistemática de cada competição.

M.L. – No início da atuação feminina dentro do futsal, dentro da arbitragem dessa modalidade, as mulheres não poderiam adentrar a quadra. Elas ficavam como cronometristas e anotadoras. Quando as mulheres conseguem serem árbitras e adentram a quadra do jogo, conduzindo as partidas, você acha que mudou alguma coisa no cenário do futsal nacional, regional?

A.N. – Mudou. Assim... Eu... Hoje tenho esse conhecimento pela leitura, mas pela prática eu não tive. Quando na época que eu já praticava, as mulheres já adentravam a quadra, já faziam parte do cenário também, então elas não eram só coadjuvantes, né? Mas no processo de formação, pelo menos pela minha Federação, até a gente tá apto e seguro a participar, a gente fica como coadjuvante; fazendo a participação apenas na mesa como anotador e cronometrista, até que possa entrar na quadra.

M.L. – E sua relação com a Federação, como é? Pode nos contar?

A.N. – Minha relação é muito boa. Eu tive uma relação de formação tranquila. Uma relação com os colegas muito boa. Então, hum... É, sempre tive... Toda semana tinha

relação de arbitragem, de escala. Toda semana praticamente eu tava sempre em atuação, ou durante a semana ou durante final de semana... Então isso era um reflexo do andamento do meu trabalho dentro da Federação e do meu relacionamento com os colegas; porque tudo isso influenciava para que a Federação pudesse escalar a gente em jogos oficiais e não oficiais.

M.L. – Então as relações interpessoais também eram levadas em conta quando dessa escala para as competições?

A.N. – Sim.

M.L. – E essa relação? Ela se assemelha na Confederação?

A.N. – Sim. Sim. Se assemelha. A gente precisa ter uma relação pessoal muito boa tanto com a instituição como com os colegas que vão. Apesar de você não conhecer, mas você chega sempre antes da competição, falando do nacional. Você chega um pouco antes da competição pra poder se familiarizar com o local, com as pessoas que vão trabalhar. Tem reunião e nesse processo aí por você chegar um pouco antes, geralmente, eu percebi que o diretor de arbitragem, ele fica observando com quem você se familiariza mais, né? Geralmente ele coloca você para estreiar com uma pessoa mais velha. Logo em seguida ele coloca você para estreiar, pra trabalhar com uma companheira de quarto, que é uma pessoa que você tem mais proximidade, já que tá passando o período ali de descanso junto, então tem mais tempo de se relacionar, de se conhecer melhor. Há todo esse cuidado. Eu acho isso interessante porque deixa a gente, psicologicamente, um pouco seguro, né? Já que atuar dentro das quatro linhas é uma função bem difícil.

M.L. – Mais difícil por ser mulher?

A.N. – Sim. Em alguns ambientes sim. Como eu citei a um tempinho atrás, eu pude ter esse destaque na minha primeira competição com a forma acintosa com que a mãe verbalizou da arquibancada, direcionada a minha pessoa, pelo fato de eu ser mulher; afinal, a arbitragem era feita por quatro pessoas naquele momento: o anotador, o cronometrista, o árbitro principal e o árbitro auxiliar.

M.L. – E como é a sua relação com as outras árbitras, tanto no seu estado quanto na Confederação de Futsal?

A.N. – Uma relação tranquila, de amizade. Tenho um bom contato com as que eu pude trabalhar nacionalmente e as que eu conheço, eu tenho um contato tranquilo. Fui... Já fui a encontros e um encontro de árbitros do Nordeste, que foi o meu primeiro ENAF. Tive contato com algumas árbitras de Federações do Nordeste, então, até hoje, a gente mantém contato pela tecnologia, né, whatsapp, redes sociais. A gente tem contato. Relação sempre tranquila. Troca informação, amizade, é [silêncio]. Sempre de proximidade.

M.L. – Além desse fato que você relatou quando da competição no sul do Brasil, houve algum outro momento que você tenha recebido um tratamento diferenciado ou de atleta, ou de dirigente, ou de algum membro da comissão técnica, ou dentro de sua Federação ou da própria Confederação, por você ser mulher?

A.N. – Teve. Dentro da minha própria Federação quando... É assim... Porque geralmente quando a gente chega, é novo no espaço, e a gente começa a se destacar... Eu interpretei dessa forma; que a gente passa a incomodar. Então já chegou até uma época de alguns colegas verbalizarem, em alguns cantos, que eu esperei a ter uma reunião aberta, com toda a arbitragem, é, falando que eu tava tendo até um relacionamento com meu diretor de árbitro, porque eu tava indo pra muita escala, em determinados períodos, destacadas escalas importantes, e que os meus colegas de arbitragem, principalmente os homens, achavam que eu tava muito nova pra tá me destacando em algumas escalas, né. Inclusive escalas distantes da cidade, tendo que passar uma hora, uma hora e meia na direção pra deslocar do local, da Federação até o jogo e aí alguns colegas começaram a questionar e aí foi é... Eu escutei esses comentários e aí a gente fez uma reunião lá paralela a isso e houve uma conversa e eu conversei com o pessoal. Falei em reunião que esse comentário tava sendo desagradável, que não tinha nada a ver, que eu acredito que a escalação, que a indicação da arbitragem vinha pelo trabalho, pela contribuição que eu dava a instituição. Quando eu saía para representar a instituição eu procurava representar ela de uma forma séria, consistente, sempre com a regra debaixo do braço. Procurava prestar o serviço da melhor forma possível; então aí, isso era retorno de um trabalho e não... Que as pessoas

não confundissem isso. Alguns árbitros mais velhos tiveram esse comentário inoportuno e inclusive, eu até me exaltei em algumas das reuniões e falei que se isso acontecesse, que eu ia processar até alguns árbitros por difamação. Posterior a essa reclamação, numa reunião pública, dentro da instituição, no Departamento de Oficiais de Arbitragem, esse comentário cessou; pelo menos de meu conhecimento.

M.L. – E com relação aos dirigentes ou comissões técnicas de equipes?

A.N. – Não... Algumas das vezes a gente ouve, principalmente quando ia arbitrar jogos masculinos, né, a gente sempre ouve alguma piadinha inoportuna. Mas que a gente já sai de casa preparada, então coloca a cabeça no lugar e só absorve aquilo que é interessante; o que não era interessante deixava passar despercebido.

M.L. – E de jogadoras ou jogadores?

A.N. – Com jogadoras eu nunca tive nenhum tipo de problema porque por sinal, no estado, já essas jogadoras que hoje acabo apitando, acabo gerenciando a partida, foram jogadoras que na maioria das equipes já foram minhas adversárias ou até colegas que jogaram comigo, então a relação é mais tranquila, mas o que chama atenção bastante é no jogo masculino, né, que a gente ouve da comissão técnica e dos próprios jogadores, quando faz qualquer tipo de marcação ou qualquer tipo de intervenção dentro do jogo, é... Eles acham que a gente quer se aparecer, que tá querendo inventar e aí a gente ouve essas observações que acaba desagregando a disputa da modalidade, da preparação do jogo e do árbitro em si.

M.L. – E em relação às torcidas? Ao longo desses anos de arbitragem que você vivenciou, quais são as manifestações mais comuns?

A.N. – As manifestações mais comuns é repúdio quando é árbitra. A gente já escuta, já na entrada do ginásio. E a forma mais acintosa é quando o jogo é adulto, né, digo assim, da categoria sub 20 ao adulto, essas manifestações são bem mais, mais incisivas... Xinga, pergunta o que é que a gente tá fazendo ali, né? Como geralmente chega a equipe de arbitragem... Então a equipe de arbitragem, na sua maioria, quando é jogos de competição estadual ou nacional, chegamos em quinteto ou em quarteto, então a torcida ainda não sabe

qual vai ser a nossa função dentro do jogo, mas quando vê o cenário já pronto e a arbitragem já postada prá dá seguimento ao jogo e observa que a árbitra vai para a quadra, aí a torcida pega no pé, mesmo sem o jogo ter iniciado. *O jogo ainda nem iniciou*, nem viu o nosso trabalho, ela já começa a criar confronto dali.

M.L. – Você já teve alguma vivência de ser vaiada...

A.N. – É... Tive uma que me chamou atenção, né, na verdade foi até uma agressão física, mas não deu para perceber quem foi que fez. Foi no meu primeiro jogo na competição estadual, no Sub 13. Eu apitando em São Francisco do Conde, alguém escarrou no meu rosto. Quando eu passei lateralmente, alguém deu uma cusparada da torcida e eu recebi essa cusparada no rosto. Eu simplesmente tirei o resíduo e continuei no jogo. Eu não podia parar o jogo por causa disso, porque as equipes não estavam é... não poderiam ser influenciadas naquele momento pela aquela questão. Assim que na partida houve a possibilidade de alguma intervenção por um pedido de tempo ou alguma situação dentro do jogo, eu aí comuniquei ao restante da equipe de arbitragem que tava na mesa e procurou a segurança e a organização do campeonato e aí cessou a... Tentou acalmar um pouco a torcida para que isso não pudesse acontecer, mas fora isso é só essa questão.

M.L. – E qual teria sido a causa dessa agressão a sua pessoa?

A.N. – Não teve nenhuma... nenhum motivo específico porque essa atitude partiu da torcida da casa. Era um jogo São Francisco do Conde e Bahia, e teve o primeiro lance do jogo e a equipe do São Francisco do Conde chutou uma bola, a bola bateu na trave, bateu na linha divisória dos postes, mas a bola não entrou. Então eu sinalizei que a bola era jogo normal, não houve o gol, que o jogo poderia prosseguir. Fiz o sinal e aí quando eu passei, essa foi à resposta da torcida, né, porque ela achou que eu deveria marcar o gol e realmente o lance não foi gol.

M.L. – Era jogo masculino do...

A.N. – Era jogo masculino, categoria Sub 13. São Francisco do Conde e Bahia. Jogo em São Francisco do Conde.

M.L. – Então você mesmo tendo feito seu trabalho de forma correta e agido com exatidão no lance foi agredida de forma covarde pela torcida?

A.N. – Pela torcida, porque ela interpretou que... Como é, nesse ginásio, ele não tem espaço para a torcida posterior ao gol, a torcida fica nas laterais do ginásio, então isso dificultou o ângulo da torcida. O ângulo de visão da torcida em relação ao gol era diferente do meu. Eu tava na lateral da linha de fundo, tava na linha de fundo, lateral ao gol, então quem tava nas extremidades da quadra, nas laterais da quadra, não tinha a mesma visão de quem tava na extremidade, na linha de fundo. Então, prá eles a bola tinha entrado e a bola não entrou. A bola não foi gol.

M.L. – No geral, você acha que existe tratamento diferenciado e também de reconhecimento com relação ao trabalho de árbitros e árbitras?

A.N. – Sim, sim, sim. É, esse tratamento parte a partir do momento que a gente entra na quadra. A gente percebe que... Como eu falei, né, quando a gente chega num determinado espaço de jogo, antes da torcida saber ou das equipes saber que a arbitragem vai ser composta por mulher, ela já tem já um certo repúdio. Às vezes, até no cumprimento do atleta, quando ele não conhece a arbitragem, ele já vem até cumprimentar de uma forma diferenciada. Você percebe que é... Alguns falam, né? Às vezes falam alguma coisa: “Olá, viu professora, presta atenção aí, viu. Vamos ver viu!” Antes de fazer o ritual que faz parte da regra, que é o *tos* para ver como é que vai ser estabelecida a saída de bola; às vezes a gente já começa a receber – como a gente fala – o calor humano da torcida e do jogo, comissão técnica... Essa é a postura dos atletas e da comissão técnica quando vê uma mulher. Isso acontece principalmente na categoria adulta. Não que as categorias de base não sofra isso, mas na categoria adulta, hoje, é com mais influência, porque as categorias de base, elas na verdade são mais influenciada pelos torcedores e na categoria adulta é mais pelos atletas. Os atletas excitam os torcedores. Na categoria de base, não, é o contrário, porque às vezes tem pai, tem mãe na arquibancada e aí fica cobrando da arbitragem uma coisa que infelizmente... Às vezes o protocolo que foi estabelecido pelo treinamento, a criança não pode corresponder, ela acha que essa responsabilidade é da arbitragem e aí, às vezes, acaba transferindo as coisas e se tiver uma mulher gerenciando a

partida de jogo masculino, isso acontece de uma forma bem mais incisiva do que se for feminino. Quando a partida é feminina, isso não acontece muito não; mas masculina, sim. Inclusive na convocação nacional alguns jogos a gente... há coincidência de apitar jogos masculinos. Então isso aconteceu geralmente no masculino; os jogos femininos foram tranquilos. Até hoje eu não posso reclamar de nenhum jogo feminino que tivesse é, alguma atitude mais incisiva que me deixasse desconfortável. O masculino sempre foi mais evidente.

M.L. – A que você atribui o número tão reduzido de mulheres na arbitragem do futsal?

A.N. – Eu atribuo a esse tipo de atitude, né, que pra você continuar e dar seguimento numa coisa que você sabe que não é só a formação quantitativa, não é só você almejar a pontuação pra poder conseguir entrar no quadro, mas sim a postura dentro de quadra, então você precisa ser muito resiliente pra suportar certas coisas dentro de quadra; então às vezes isso afugenta. A mulher às vezes não tem, não tem... Não quer se dispor a isso. Às vezes não tem coragem, não tem [respiração profunda] é, disposição para enfrentar tais atitudes. Algumas atitudes realmente acontecem de forma descortês, ameaça de atleta. Às vezes quando alguma coisa é, dentro da partida, acontece de forma que descontenta algumas equipes, às vezes dirigente, atleta quer partir para cima de você pra querer tirar satisfação. Então hoje com algumas situações aí, é muito comum que tá acontecendo de feminicídio, isso tem, em alguma circunstância, amenizado. Mas quando acontece de um homem partir pra querer tirar satisfação de forma acintosa de uma árbitra, isso realmente afugenta porque quer queira, quer não, por mais que a gente tenha ou esteja... Tenha coragem e esteja agindo de forma correta, né, a agressão física sempre afugenta ou até a moral mesmo. Mas primeiro a gente sempre é bem recepcionada, né, com a agressão moral que é o que mais abala a presença da árbitra numa quadra. Quando há um gerenciamento de partida onde tem um árbitro e uma árbitra, se o jogo for masculino, a reclamação sempre vem em direção à árbitra, pelo menos os jogos que eu assisto e que eu pude trabalhar, na sua maioria, sim. Sempre acontece essa intervenção.

M.L. – Embora a arbitragem seja feita em nível de duplas, a cobrança maior sempre recai para a mulher?

A.N. – Sim, sim. Sim, eu acho que sim.

M.L. – E quando você faz essas arbitragens, você nota que existe alguma diferença entre a condução de uma partida, entre as árbitras do nordeste e as árbitras de outros estados do Brasil?

A.N. – Sim. Existe. Até porque a cultura de cada um é diferente; agora assim... O tipo de postura das árbitras se assemelha: em relação à postura física, à postura de se dirigir ao atleta com firmeza, com imposição. Então isso é uma roupagem que as árbitras vestem para enfrentar o duelo entre a árbitra e a modalidade futsal.

M.L. – Existe alguma outra diferença que lhe chame atenção com relação às árbitras nordestinas e de outros estados do Brasil?

A.N. – Eu não posso muito, é, estender porque eu só fui para uma competição nacional como árbitra, né, então eu não tive, não vi muito essa diferença, porque no momento da escalação, eu geralmente da maioria, eu atuei com... Teve atuação com o pessoal de outros estados que não foi do Nordeste e eu percebi que a forma de atuar era a mesma; não vi muita diferença não. O que me destacou realmente foi à roupagem, o jeito que a árbitra entra na quadra. Ela entra, ela procura se caracterizar como uma pessoa forte, como uma pessoa que tá ali pronta para o que der e vier, ela tem atitude; então isso aí é de toda árbitra. Eu não vi muita diferença, eu não consegui perceber muita diferença não.

M.L. – E no nível de Bahia, essa situação, ela...

A.N. – Se estende.

M.L. – Se estende?

A.N. – Se estende.

M.L. – Ok. E como é que você definiria ser mulher-árbitra no Nordeste brasileiro?

A.N. – *Guerreira!* [silêncio]. Define apenas uma palavra, *ser guerreira*.

M.L. – Por quê?

A.N. – Porque é... Quando eu digo guerreira, é ser uma pessoa destemida, é ser uma pessoa forte, pronta para uma batalha. Quando você entra na superfície de jogo, pra enfrentar tudo e todos, a mulher, ela precisa ter sempre um armamento a mais, né, principalmente se ela for atuar, com homem, no jogo masculino. Eu acho que pra eles, pra os atletas, comissão técnica, torcida, o livro de regra dela é diferente do árbitro. Ela tem sempre que... Ela não pode cometer nenhum equívoco dentro do jogo. Ela já entra com essa preocupação, porque se ela cometer algum equívoco dentro do jogo, alguma coisa que possa destoar ou não destoar da partida, ela vai ser sempre apontada, ela vai ser sempre recriminada; não da mesma forma que o homem. Então eu defino sempre como isso, como guerreira.

M.L. – Quais seriam as maiores barreiras que você encontrou e enfrentou ao longo de sua carreira como árbitra?

A.N. – *Preconceito!* [silêncio]. Porque é a questão de você ser mulher. O que é que tá fazendo ali? Pelo fato de você procurar ser árbitra de uma modalidade tida como modalidade mais praticada por homens e a questão de por você ser árbitra daquela modalidade, você ser homossexual.

M.L. – Quais os pontos positivos e negativos em ser árbitra de futsal?

A.N. – O ponto positivo é poder contribuir com a modalidade, dentro da quadra, sem desmerecer ações pelo gênero e o ponto negativo é o julgamento prévio da minha competência pelo meu gênero.

M.L. – Existe alguma coisa que eu não tenha te perguntado, que você gostaria de relatar nesse momento?

A.N. – [silêncio] Não! Acho que não! Acho que não!

M.L. – Então queria aqui agradecer a Ana Paula a entrevista concedida e dizer que é um material de extrema importância para a construção de nossa dissertação de mestrado.

[FINAL DA ENTREVISTA]